

“Das jangadas e outras diatribes”

Diatribes: texto agressivo, cínico, satírico. Bruno Vieira busca a subversão utilizando-se da revisão de imagens clichês. Enceta uma apropriação mordaz a temas e histórias como a balsa da Medusa, a arca de Noé, a ilusão reflexiva dos espelhos, fomentando representações ambíguas, Mayas, conceito da filosofia hindu sobre a representação ilusionística. Em tudo, o totêmico sobrevém. Elabora uma espécie de pastorialismo conceitual, como analisa Thomas Crow sobre certas imagens da arte contemporânea que procuram a cultura do cotidiano.

Na recente série de trabalhos, o artista articula os citados jogos de imagens e linguagens em fotografias, vídeos e objetos. Na sequência em que embarcações populares são usadas para abrigar animais, Vieira dualiza tanto com um dos ícones de uma suposta nordestinidade, a jangada, quanto cria associações bíblicas ou advindas da história da arte. Nas imagens, um boi está posicionado dentro da embarcação, a salvo. Cerca-se por uma cabra e uma galinha que se direcionam ao mesmo local, em busca da salvação. O título, “A jangada de Noé”.

Buscar signos subversivos para a arte contemporânea, segundo Hal Foster, gera uma armadilha. O artista precisa evidenciar aquilo que ironiza. Mas, a imagem, as mensagens, os trocadilhos partem do mesmo lugar partilhado de onde saíra a referência reificada que se quer criticar. Como numa espécie de cordel contemporâneo, Bruno Vieira atenta-se para estórias bestiais, religiosas. Parte do lugar da tradição. Abole formatos e matrizes: em vez de xilogravura, a fotografia. Ainda assim a “prova dos nove” é recriar o prosaico da vida, como já atentava o artista Naum Gabo em 1920.

O “prosaico da vida” comparece em outros objetos, pipas são estampadas com bandeiras de diversos lugares. Bandeiras são estampadas com imagens de horizontes em paisagens marinhas. Como nas apropriações da arte povera, Vieira atualiza-se nas imagens do mundo, ao que hoje chamamos de multiculturalismo. A globalização, afirma Canclini, foi um desejo imaginado, mas um fenômeno que criou efeitos muito distantes do que se acreditava. Nem todos entraram na mesma “aldeia”, ou, para citar o exemplo mítico, não conseguimos salvar uma de cada espécie na embarcação depois do dilúvio. Ao contrário, as fronteiras foram enrijecidas, o fundamentalismo eclodiu, cada um luta por fincar suas bandeiras e interesses fetichistas continuaram buscando as tipificações. Partindo da mesma ambigüidade, na arte contemporânea a periferização passou a interessar ao mercado.

A ironia de Bruno Vieira parte destas problematizações. De que lugar tratam as imagens? O fantástico, na literatura, procurou ativar o *nonsense*, mas muitas vezes contribuiu para criar adventos memoráveis, estereótipos. A cultura “não é apenas o lugar onde se sabe que dois mais dois são quatro. É também a indecisa posição em que se procura imaginar o que é possível fazer com números não muito claros, cuja potência acumulativa e expressiva ainda se está tentando descobrir”.

Marcelo Campos